

## A DIVULGAÇÃO DA COMPETÊNCIA TÉCNICA EM SOCORRO DAS ENFERMEIRAS DA CRUZ VERMELHA (SP) NAS CIRCUNSTÂNCIAS DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1917-1918)

*THE SPREADING OF THE TECHNICAL ABILITY IN AID OF THE NURSES OF THE RED CROSS (SP) IN THE CIRCUMSTANCES OF THE I WORLD WAR (1917-1918)*

*LA DIVULGACIÓN DE LA HABILIDAD TÉCNICA EN AUXILIO A LAS ENFERMERAS DE LA "CRUZ VERMELHA (SP)" EN LAS CIRCUNSTANCIAS DE LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL (1917-1918)*

Fernando Porto<sup>1</sup>, Tânia Cristina Franco Santos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Estudo histórico-social tendo como objetivo descrever as circunstâncias da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial; descrever e analisar conteúdo fotográfico sobre o preparo das enfermeiras brasileiras para participar nos serviços da Cruz Vermelha Brasileira na Primeira Guerra Mundial. A delimitação temporal foi no ano de 1917, quando ocorreu a divulgação da participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial e 1918 a divulgação da partida de uma comissão médica brasileira para atendimento aos feridos na Guerra. Estudo documental fundamentado em Bordieu, sendo utilizados documentos escritos e fotográficos referentes à época, com destaque para análise de quatro fotos da Revista da Semana. A primeira Guerra Mundial agitou a imprensa escrita e ilustrada. A Cruz Vermelha Brasileira, através da Escola de Enfermeiras de São Paulo, apresentou à sociedade as competências técnicas na prestação de socorro com a formação do *habitus* e capital escolar adquirido, mas que por motivos adversos não obteve visibilidade no relatório institucional. Por outro lado, na imprensa ilustrada vestígios da participação das enfermeiras em um hospital em Paris foram encontrados.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Enfermagem; Primeira Guerra Mundial; Cruz Vermelha.

**ABSTRACT:** Social-Historical study which aim is to describe the circumstances of the Brazil's entrance in the 1<sup>st</sup> World War and to describe and analyze the photographic content about the Brazilian nurses prepare to participate at the Brazilian Red Cross services in the 1<sup>st</sup> World War. Periodic delimitation was in the year of 1917, when it occurs the spreading of Brazil's participation in 1<sup>st</sup> World War and 1918 the spreading of the departure of a Brazilian medical commission for attendance to the wounded in the War. Documental study grounded in Bordieu conceptual frame, based on written and photographic documents refereeing that time, and with a special detach to the analysis of four pictures published in The Week Magazine. The I World War agitated the written and illustrated press. The Brazilian Red Cross, through the School of Nurses of São Paulo, presented to the society the nurses technical competences for aid care assistance with the *habitus* formation and school status acquired, but because adverse reasons

it did not get real visibility in the institutional report. But, in the illustrated press we find vestiges of the Brazilian nurses participation in a hospital in Paris.

**KEY WORDS:** History of Nursing; World War I; Red Cross.

**RESUMEN:** Estudio histórico social con el objetivo de describir las circunstancias de la entrada del Brasil en la I Guerra Mundial y describir y analizar el contenido fotográfico del preparo de las enfermeras brasileñas para participar en los servicios de la Cruz Roja brasileña en la I Guerra Mundial. La delimitación periódica fuera en el año de 1917, cuando ocurre la divulgación de la participación brasileña en la Guerra y en 1918 la divulgación de la salida de una comisión médica brasileña para la atención al herido en la Guerra. Estudio de Documental fundamentado en Bordieu, basado en los documentos escritos y fotográficos referentes al período, con especial destaque para la análisis de cuatro fotografías publicadas en la Revista La Semana. La I Guerra Mundial agitó la prensa escrita y ilustrada. La Cruz Roja Brasileña, por intermedio de la Escuela de Enfermería de San Paulo, presentó a la sociedad las capacidades técnicas de las enfermeras para prestar socorro con formación en el *habitus* y capital de ensino adquirido, pero razones adversas no permitió visibilidad en el velatorio institucional. Pero, en la prensa ilustrada encontramos vestigios de la participación de las enfermeras brasileñas en uno hospital en París.

**PALABRAS CLAVE:** Historia de la Enfermería; I Guerra Mundial; Cruz Roja.

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO, membro do grupo de pesquisa Laboratório de Pesquisa de História da Enfermagem (LAPHE), membro da Diretoria do NUPHEBRAS (gestão 2006-2007) e doutorando da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Rio de Janeiro/RJ

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ e membro do NUPHEBRAS. Rio de Janeiro/RJ

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do presente trabalho é o exercício de socorro das Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo, divulgado na imprensa ilustrada, com delimitação temporal no ano de 1917, quando ocorreu a divulgação da participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial e 1918 com a divulgação da partida de uma comissão médica brasileira para atendimento aos feridos na Primeira Guerra Mundial.

O ano de 1914 é marcado pelo início da Primeira Guerra Mundial. Ao eclodir o conflito entre as potências centrais (Império Alemão e Império Austro-Húngaro) e as da Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e Rússia e os Estados Unidos), o Brasil não se encontrava preparado para uma guerra, portanto, em 04 de agosto de 1914 foi proclamado a neutralidade brasileira (SILVA, 2005). Dez meses após o primeiro tiro, o conflito tem divulgação no país, período que o Brasil é governado pelo Presidente Wenceslau Braz (GARAMBONE, 2003).

O assunto da Primeira Guerra Mundial permanecia como de importância internacional no contexto social, com destaque no *Jornal do Commercio* com artigos, telegramas e reportagens ao tratar do delicado momento. Mas nos dois primeiros anos (1914-1916), não se cogitava, nem a título de alarde, a entrada do país no confronto. Neste momento, o que mais se aproximava da discussão era o militarista masculino em defesa do alistamento obrigatório, por meio da campanha do serviço militar obrigatório (1915) (GARAMBONE, 2003).

Em 03 de outubro 1917, o Brasil anunciava a sua participação na Primeira Guerra Mundial. O presidente do Brasil, à época, Wenceslau Brás encaminhava ao Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, a sua cooperação com a república irmã na guerra contra a Alemanha, de modo a garantir os interesses da humanidade. O afundamento Vapor Paraná nas costas marítimas da França, pelos submarinos alemães, ensejou a participação do Brasil no conflito no lado de apoio contra a Alemanha (CHAGAS, 2001 e GARAMBONE, 2003).

Diante do exposto o estudo teve por objetivos descrever as circunstâncias da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial; descrever e analisar conteúdo fotográfico sobre o preparo das enfermeiras brasileiras para participar nos serviços da Cruz Vermelha Brasileira na Primeira Guerra Mundial.

## ASPECTOS TEÓRICO – METODOLÓGICOS

A natureza do estudo é histórico social, tendo como conceitos de base do sociólogo francês Pierre Bourdieu, dominação masculina, capital escolar, formação do habitus e poder simbólico.

Os documentos utilizados para o estudo foram de fonte primária de análise as fotografias da *Revista da Semana*. A opção pelas fotografias desta revista

deve ao fato de ser a revista pioneira em utilizar fotografia como ilustração, servindo de padrão para outras à época (CAMARGO, 2003) e ser uma das mais requisitadas naquele tempo segundo Ana Maria Mauad-Andrade, por ocasião da elaboração de sua tese de doutorado em 1991 quando, algumas pessoas, na faixa etária de 60 a 80 anos foram consultadas acerca de qual revista era a mais requisitada do século XX, que teve como resultado a *Revista da Semana*, a *Revista Fon-Fon*, a *Revista Careta* e a revista *O Cruzeiro* (MAUAD-ANDRADE, 1991), bem como lancei mão de registros da imprensa escrita e ilustrada e do relatório institucional da Cruz Vermelha Brasileira. As fontes secundárias foram a literatura da História do Brasil e da História da Enfermagem com aderência à temática do objeto de estudo.

Os locais de busca dos documentos escritos e fotográficos foram a Biblioteca Nacional, Acervo Setorial Enfermeira Maria de Castro Pamphiro da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/UNIRIO, Biblioteca da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.

A busca das fontes primárias para análise resultou em quatro fotografias de fotorreportagem, considerada como aquela constituída, exclusivamente, por fotografias com legendas, sem qualquer bloco de texto de apoio ou contextualização, com imagens seqüenciadas ou não (ANDRADE, 2004).

Para a análise fotográfica foi utilizada uma matriz de análise com base no plano de expressão e de conteúdo. O plano de expressão é “à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético” e o plano de conteúdo se refere “ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (PIETROFORTE, 2004, p.11).

A matriz para análise fotográfica encontra-se dividida em três partes. A primeira destina-se a ao registro dos dados de identificação da imagem fotográfica no registro da imprensa ilustrada. A segunda parte da matriz destina-se ao registro dos dados do plano de expressão foi constituído de: registro de crédito da imagem fotográfica, legenda-fotográfica, tipo da fotografia (posadas ou instantâneas/flagrante), formato da fotografia (retangular, quadrada, ovalada e outras), e o plano fotográfico. A terceira parte da matriz para análise fotográfica dos dados do plano de conteúdo foi constituída de: o local retratado, fundo retratado (natural ou artificial e interno ou externo), pessoas retratadas (quem são as pessoas, se a foto é individual ou em grupo (masculino, feminino ou misto), tema da imagem retratada, descrição dos atributos pessoais (indumentárias pessoais) e descrição dos atributos de paisagem - objetos retratados).

Os resultados mediante aplicação da matriz para análise fotográfica foram para o plano de

expressão, quanto: ao registro de crédito da imagem fotográfica, todas sem autoria das fotografias, a legenda -fotográfica, um das fotos apresentou legenda com numeração respectiva para cada uma mostrada na página; o tipo da fotografia: uma posada e três instantâneas/flagrantes; o formato da fotografia: uma retangular e três irregulares; o plano fotográfico, todas em plano conjunto.

Já quanto aos dados do plano de conteúdo: o local retratado, não foi possível ser identificado; o fundo retratado para as quatro fotografias foram: natural e externo; o tema da imagem retratada foi o exercício de serviço de socorro no campo; a descrição dos atributos pessoais, a maioria das mulheres retratadas encontra-se uniformizadas e a minoria em traje social e os homens em traje militar e terno escuro e a descrição dos atributos de paisagem, possível visualizar, foram: grama, lago, padiola, panos para bandagem.

### **AS CIRCUNSTÂNCIAS DA ENTRADA DO BRASIL NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918)**

A imprensa ilustrada durante o período da Primeira Guerra Mundial ofereceu relevo ao assunto. A Revista Fon-Fon na seção "*Perfis Internacionais*" entre as diversas personalidades militares e civis presentes na guerra, ofereceu destaque às enfermeiras com título de nobreza. Esse destaque dirigido à enfermeira conferiu a ela o efeito de banalização que é explicado por Bourdieu como, mudança a ser causada às bases materiais de uma sociedade para atingirem as estruturas mentais do coletivo, fazendo-os mudarem as maneiras de verem e de pensarem as coisas (BORDIEU, 2003).

Nesta revista, os leitores tomavam conhecimento do conflito e da participação feminina, como o fragmento a seguir apresenta:

*"Uma Enfermeira era condecorada – A enfermeira voluntária, franceza Marie Brunel, recebeu a terceira recompensa conferida desde o início da guerra. A primeira obteve sob a forma de encomio [elogiar] solene, em dezembro do ano passado, o segundo na iniciativa da organização do hospício de Gondrecourt; quatro meses depois, em abril desse ano, perdeu a perna direita levada por um projectil tudesco [todo] que lhe fracturou a tibia. A valorosa senhora recusava-se a abandonar o posto sanitario que dirigia e por esse facto foi condecorada com a medalha de guerra (...)"* (REVISTA FON-FON, 1916, p.06)

Outra matéria na mesma revista, em outro número, ressalta a atuação das enfermeiras nos campos de batalha no cuidado aos feridos. O texto põe em relevo o capital social das moças, destacando atributos como decência, prestígio, competência e inteligência, o que a meu ver capitaliza lucros

simbólicos para a enfermeira, como mulher, na sociedade à época:

*"As Grãs-duquezas enfermeiras – Entre as inúmeras femininas que a piedade, no decurso d'esta guerra, circundou de uma aureola luminosa, destacam-se e impõem-se as grãs-duquezas Olga e Tatiana, as duas filhas mais velhas de Tzar (...). As filhas do Tzar não fingem de enfermeiras, são verdadeiras enfermeiras. A assistência que prestam aos feridos não é admirável somente pela significação moral e pelo prestígio que as suas personalidades dão a este acto, mas, realmente, pela competência extraordinária e pela inteligência com que fazem (...)"* (REVISTA FON-FON, 1916, p.13)

Uma matéria destaca, especificamente, uma enfermeira Duquesa de natalidade italiana, que parte para guerra, deixando a sua feminilidade de lado em prol da benevolência de seus prestes na guerra, já que tinha experiência na área hospitalar:

*"A Duquesa de Camastra – Uma senhora da nobreza italiana, a duquesa de Camastra, foi condecorada pelas autoridades francesas, pela grande obra de devotamento e piedade, desenvolvida durante quasi tres annos, como enfermeira – chefe no Hospital Molière de Paris... Assim, que rebentou a guerra, desapareceu o seu gosto pelas elengancias e pelas reuniões do grand monde; a sua rara beleza só teve daquele momento em diante, uma única moldura: a do bonner de enfermeira; e a sua feminilidade uma única expressão: a piedade! No seu magnifico mister de enfermeira piedosa, a duquesa de Camastra foi sublime. A nobre senhora não fez da profissão de enfermeira um sport. Desde que rebentou a guerra, ela desempenha a sua nobre missão e não deixou de faze-lo um só dia. Alguém que lhe perguntou se não descansaria alguns meses daquela rude tarefa respondeu: "Descansarei quando já não houver desgraçados que necessitem dos meus cuidados! Só partirei quando todos houvessem regressado aos seus lares!"* (REVISTA FON-FON, 1916, p.13).

Além da sociedade tomar conhecimento da atuação das enfermeiras na guerra com título de nobreza, também, era divulgado, que uma enfermeira na Inglaterra dirigia um hospital, com o título "Mistress Isaacs":

*"É a primeira enfermeira da Inglaterra a quem foi conferida a direção do primeiro hospital territorial inglês, o Queen's Gate Hospital. O fato é, sem duvida, sensacional e depõe muito*

*a favor das extraordinárias qualidades dessa senhora que foi honrada com esse cargo de diretora sem possuir o diploma de medicina que deveria ser, no entanto, uma condição indispensável para dirigir um hospital importante como o Queen's Gate Hospital (...)"* (REVISTA FON-FON, 1916, p.6)

Estes registros sobre mulheres com títulos de nobreza, atuando em cenários de guerra, no cuidado aos feridos, exemplificavam, no meu entendimento, o efeito de banalização, pois, a imprensa ao divulgar essas notícias, apresentava à sociedade a importância da enfermeira, como mulher, no campo da saúde, evidenciando e legitimando a necessidade de profissionalização.

É pertinente destacar a afirmação de Barreira sobre as repercussões de guerra para a enfermagem, ao afirmar que a visibilidade pública de guerra é um importante vetor de profissionalização, considerando que isso ocorreu desde o período de Florence Nightingale, quando ela conseguiu capitalizar prestígio e poder (BARREIRA, 1999).

A declaração de guerra à Alemanha, levou o país a estado-de-sítio, provendo alimentos e matérias-primas a Inglaterra, França e Rússia, contribuindo para o policiamento do oceano Atlântico. O esforço de guerra nesses países estimulou as exportações e o processo de industrialização no Brasil, aumentando o número de fábricas e, conseqüentemente, o de operários (SANTOS et al, 2002).

A opção do Brasil em apoiar os opositores a Alemanha, é considerado um ato corajoso, sendo um passo diplomático gigantesco e consciente com visão no alinhamento de lucros políticos, por se tratar de uma nação jovem e sem tradição bélica, mesmo após a vitória na Guerra do Paraguai (1864-1867), uma vez que o país não teve tempo, nem vontade política de entrar em litígio militar com outros países até aquele momento (GARAMBONE, 2003).

O ano de 1918 começa tenso, mesmo com a participação tímida do Brasil no *front*, com soldados da Legião de Honra e uma dezena de aviadores que foram ser treinados na aviação britânica, período que a hostilidade aumentava os combates na guerra, atingindo os navios brasileiros: o Acaré, o Guaíba, o Tijuca, o Lapa e o Macau por submarinos alemães, em mares europeus. Por outro lado, em mares brasileiros, na Bahia – Itapagipe – da Marinha Brasileira rende a canhoneira alemã Eber. Contudo, o comandante do Eber preferiu colocá-lo a pique e ao mesmo tempo o Brasil confisca, em litoral nacional, trinta navios alemães que cede-os a França (CHAGAS, 2001 e GARAMBONE, 2003).

## **O EXERCÍCIO DE CAMPO PARA A PRESTAÇÃO DE SOCORRO DA ESCOLA DE PRÁTICA DE ENFERMEIRAS DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA DE SÃO PAULO**

Uma publicação na Revista da Semana, datada de 02 de junho de 1917, alguns meses antes da decisão do Brasil em tomar partido na Primeira Guerra Mundial, a Cruz Vermelha Brasileira (SP) divulga para à sociedade as competências técnicas em socorro das alunas que cursavam a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo, criada em 1912, pela médica Maria Rennote. Essa médica era de origem belga, radicada no Brasil, ex-Diretora da Maternidade de São Paulo foi personagem importante na organização da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo e na criação da Escola Prática de Enfermeiras, em 5 de outubro de 1912 (MOTT, 1999 e 2002).

Este curso funcionou com regularidade até o final da Primeira Guerra Mundial, entrando em período de refluxo. O curso funcionava com aulas administradas pela Dra Maria Rennote e pela Dra Casemira Loreiro - médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com repercussão na sociedade de São Paulo à época, como, por exemplo, na Revista Feminina (MOTT, 1999).

A fotografia analisada de número um é do tipo posada, formato irregular, composta de cinco homens em trajes militar, um sentado no centro do texto fotográfico – General Barbedo - os demais de pé e mais dois de camisa clara, gravata escura e calça escura, sendo que um encontra-se em posição mais baixa que os outros sobre um dos joelhos.

Ademais, a composição fotográfica mostra o total de dezenove mulheres, entre elas: uma senhora de blusa clara e saia escura do lado esquerdo do homem – Sra Maria Rennote- em traje militar sentado e do lado oposto, outra mulher em traje de cor clara com relevo para a gola de cor escura e cabelos presos "coque"; uma menina em traje claro e de pé e mãos juntas a frente; entre as mulheres, uma no canto esquerdo da fotografia traja vestido escuro com algo na mão esquerda, parecendo ser uma vara, no canto oposto da foto, outra mulher de chapéu de aba larga, trajando uma espécie de paletó de corte feminino, por baixo blusa clara, saia escura no mesmo tom do paletó e sapatos mais escuros que a roupa, cinco mulheres de roupas claras e onze mulheres uniformizadas, na cabeça véu e o símbolo da cruz, vestidos longos e de manga compridas, tendo no braço direito um braçal com o símbolo da cruz, sendo possível se visualizar que algumas usam sapatos claros, tendo ao fundo um lago em campo aberto.



Nesta fotografia, o homem em traje militar, o General Barbeta, centralizado e ladeado por mulheres, é entendido como uma das formas de dominação masculina, no sentido, que nas palavras de Bourdieu espera-se das “femininas, isto é, [serem] sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (Bourdieu, 2003, p.82), que na fotografia elas funcionam como adorno, inclusive com relevo pela cor clara, o que oferece claridade na imagem ao redor do militar em trajes escuros.

A fotografia de número dois, do tipo instantânea/flagrante, de formato irregular é possível

de se visualizar as enfermeiras atendendo um homem, provavelmente, em traje militar, com uma bandagem na cabeça, encontra-se semi-sentado com apoio de outro homem por trás de pé com calça escura, blusa clara e gravata escura.

O cenário é externo, sendo o chão de grama com quatro mulheres em ação. Dessas, três de uniforme e uma em traje claro, segurando em uma das mãos da “vitima” e, a outra, uniformizada segurando a outra mão, entretanto as duas realizavam a bandagem de cabeça.

**Fotografia 2:** Revista da Semana (1917, 28)



A fotografia três, do tipo instantânea, no formato retangular, mostra cinco enfermeiras uniformizadas em preparo para o transporte da “vitima”. Dentre elas, três de pé, com duas segurando a padiola e uma olhando, as outras duas abaixadas. Uma no canto esquerdo do texto fotográfico organizando os pés da “vitima” para o transporte e a outra segurando a cabeça da “vitima”. O homem deitado é a “vitima”, que se encontra com a cabeça apoiada em alguns panos escuros com suas mãos sobre o tórax.

Ademais, compondo o texto fotográfico é possível de se visualizar uma senhora de blusa clara

e de saia longa na cor escura - Sra Maria Renotte - ao lado da enfermeira que segura a cabeceira da padiola.

Nesta fotografia encontra-se uma legenda, que enumera as fotografias da página, na mesma ordem apresentada no estudo, sendo elas: “1- Grupo de Enfermeiras da Escola Prática, vendo-se ao centro a directora Dra Maria Renotte o Sr general Barbedo commandante do districto. 2,3 e 4 Exercício de serviço de socorro no campo, notando-se a competencia das enfermeiras”.

**Fotografia 3:** Fonte: Revista da Semana (1917, 28)



A fotografia quatro, do tipo instantânea, tamanho irregular, mostra quatro mulheres transportando a “vitima” na padiola. Destas, três de uniforme completo com o véu em movimento pela ação do possível vento ou da locomoção da enfermeira e uma sem o véu.

O homem deitado na padiola com bandagem na cabeça, apoiada com panos escuros, e no braço esquerdo, estando o braço direito repousado sobre o transporte, nos pés, deixa transparecer também ter outra bandagem ou imobilização de membro inferior de cor clara.

**Fotografia 4:** Revista da Semana (1917, 28)



As fotografias dois, três e quatro da fotorreportagem mostram a ação das enfermeiras da instituição com legenda única a elas. Nessa legenda, a imprensa ilustrada destacava a competência das enfermeiras, conforme aponta o fragmento “(...) notando-se a competência das enfermeiras”.

Este relevo para a competência das enfermeiras, pode ser entendida pelo pensamento de Bourdieu na formação do capital escolar, considerado como aquele adquirido através da instrução escolar, garantindo um rendimento simbólico alto e certo grau de distinção, por estar ligado as variações das competências (BOURDIEU, 1979).

Este capital escolar é enunciado pelo habitus que o texto fotográfico apresentado na seqüência, por meio da foto dois, três e quatro, que nas palavras de Bourdieu é a formação do habitus “como sistema de disposição para a prática, é um fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas, e, se é possível prever as práticas (...) o habitus faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias” (BOURDIEU, 2004).

Estas fotografias mostradas na Revista da Semana foi uma forma de fazer ver e fazer crer à

sociedade sua preocupação e investimento na competência técnica das enfermeiras da Cruz Vermelha de São Paulo diante das notícias divulgadas na imprensa escrita e ilustrada sobre o preparo do Brasil para a Primeira Guerra Mundial.

Esta forma de fazer ver e fazer crer nas palavras de Bourdieu é explicado como poder simbólico, aquele “(...) com o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, acção sobre o mundo (...)” (BOURDIEU, 2003a).

O poder simbólico utilizado pela Cruz Vermelha de São Paulo é também o resultado de uma estratégia, entendida por Bourdieu “(...) como um momento em uma série de trocas materiais e simbólicas (...)” (BOURDIEU, 2004, p. 77).

Esta estratégia foi uma mostra à sociedade do preparo técnico das enfermeiras, bem como também divulgou a Escola de Enfermeiras promovida pela instituição, como é ratificado, por meio do próprio título da matéria jornalística intitulada “Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha em São Paulo”.

## A PARTICIPAÇÃO DA CRUZ VERMELHA NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A Cruz Vermelha Brasileira, logo depois do Brasil ter declarado ser aliado aos Estados Unidos, o Dr Rodolpho Chapot Prevost, vem a representar a instituição junto ao Ministério da Guerra e da Marinha Brasileira. O Ministro da Guerra designa o Major Médico Dr Getúlio dos Santos e o médico Dr Arthur Pires da Marinha, o Capitão de Corveta de Amorim, para servirem como representantes ministeriais, em uma Comissão Mista (composta pelo Capitão de Corveta Dr. Arthur Pires de Amorim, Capitão Dr. Getúlio dos Santos e Dr. Rodolpho Chapot Prevost), encarregada de estudar as questões relativas a preparação para o serviço de guerra, que gerou um relatório (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Neste ano, em junho, o ministro e escritor francês Paul Claudell solicita ao Brasil reforço médico no front. O Brasil ao aceitar enviou cem cirurgiões e criou uma missão médica com este fim. Em agosto, embarcou a missão médica brasileira para a França, após missa realizada na Catedral Metropolitana, no Rio de Janeiro, com banda de música, na presença de milhares de civis, dentre eles, Rui Barbosa e o ministro francês Paul Claudell, que veio ao país para prestigiar o embarque, que contou com destaque na imprensa do Jornal Correio da Manhã, em 19/08/1918, com a manchete intitulada "Partiu hontem a missão médica brasileira. A despedida foi entusiástica e emocionante. Foram agitados lenços do navio, da terra e de toda parte, se ouviu: adeus, adeus, feliz viagem" (CHAGAS, 2001, p.268 e GARAMBONE, 2003, p.95-96).

A missão médica foi composta de dezessete acadêmicos de medicina, cinco médicos civis, cinco da Marinha e cinco do Exército militar, dentre eles, o médico militar Roberto da Silva Freire na qualidade de chefe da enfermeira, comissionado no posto de capitão do Exército (FARIA, 1996). Este médico era esposo da brasileira Rachel Haddock Lobo, que também partiu para a França e participou como voluntária da Cruz Vermelha Francesa, no Hospital Militar Brasileiro, em Paris, sendo mais tarde homenageada com a "Cruz da Legião de Honra" (OLIVEIRA, 2002, p.20). Segundo OLIVEIRA (2002), Anos mais tarde ocorre o desenlace matrimonial entre ambos, sendo que ela segue para o convento de freiras na cidade da Campanha (MG). Em 1922, retorna a Paris para estudar enfermagem na *École de Enfermières de L'Assistance Publique* com formatura em 1924. Em 1925, retorna ao Brasil e passa a trabalhar na Fundação *Graffé Guinle* por pouco tempo, sendo convidada para trabalhar na Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, partindo em 1927 para os Estados Unidos, com bolsa da Fundação Rockefeller, para estudar nos cursos de Administração Geral, Especialização em Moléstias Contagiosas, Tuberculose e Pedagogia,

retornando em 1929 ao Brasil e em 1931 é designada diretora da Escola de Enfermeiras Anna Nery.

É de se estranhar que o Brasil enviasse uma missão médica e que as enfermeiras da Cruz Vermelha não tenham sido indicadas para os prestes aos feridos de guerra. Mas isto ocorreu devido o chefe da missão médica Dr Nabuco de Gouvêa não cogitar enfermeiras, o que não significa que, por exemplo, que a Cruz Vermelha Brasileira não tenha oferecido seus préstimos (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

O relatório gerado pela Comissão Mista apontou para diversos recursos que o Brasil poderia oferecer, em especial a Cruz Vermelha Brasileira, quanto ao estoque de roupas, o preparo de padioleiros através da formação de seu curso e no que tange ao quadro de enfermeiras o relatório apontou que:

*"A instrução das enfermeiras tem sido levada a efeito ininterruptamente de quatro annos a esta parte, a ponto de em caso de emergência no momento actual, poder a Sociedade dispôr de cem enfermeiras voluntárias que por sua vez auxiliaram e guiaram o serviços de auxiliares aprendizes na proporção de uma para quatro, resultando dahi, portanto, um total approximado de quinhentas senhoras para os trabalhos de saúde de guerra." (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 238).*

A instrução citada no fragmento que as enfermeiras tinham o preparo estava ligada as escolas de enfermagem da instituição, o que facilitava sua disponibilidade para atender os feridos no front de guerra, que no estudo é representado pela Escola Prática de Enfermeiras de São Paulo, por meio da Revista da Semana de circulação nacional ao fazer as pessoas verem e serem no potencial técnico das enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira.

Diante dos argumentos de instrução, quanto ao quadro de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, o relatório disponibilizava os recursos oferecidos e conclui que:

*"Uma vez declarada a mobilização das forças militares do paiz, é também mobilizada esta Sociedade e ahi, então, fazem-se mister relatórios circunstanciados desta comissão afim de ficar o governo perfeitamente apto a lançar mão dos recursos que lhe forem oferecidos." (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, p. 240).*

Nos documentos consultados até o momento não encontramos a ida de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira à guerra, porém, na Revista da Semana, em uma matéria intitulada "Hospital da Cruz Vermelha Brasileira em Paris" é composta de três fotografias e, entre elas, uma com a legenda "Grupo

de *Enfermeiras brasileiras e francesas (...)*” apresenta um pequeno texto, que registra “(...) encontram-se muitas senhoras das mais distintas famílias brasileiras, que, carinhosamente, cuidam dos feridos da Grande Guerra” (REVISTA DA SEMANA, 1918, p.05).

Desta forma, diante dos registros da ida de Rachel Haddock Lobo, brasileira, como voluntária pela Cruz Vermelha Francesa na Primeira Guerra Mundial em função de ser esposa de um membro da missão médica brasileira à guerra, articulado a matéria da Revista da Semana, me faz inferir que partiram do Brasil mulheres voluntárias e/ou enfermeiras profissionais para prestarem cuidados aos feridos brasileiros na Primeira Guerra Mundial pela Cruz Vermelha Francesa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de inserção do Brasil na Primeira Guerra Mundial agitou o país na imprensa escrita e ilustrada ao trazer a baila a visibilidade da Cruz Vermelha Brasileira, no estudo representado pela seccional de São Paulo.

A visibilidade da enfermagem ao apresentar a competência das enfermeiras, através da Escola Prática de Enfermeiras da instituição ao mostrar à sociedade um exercício de socorro em campo aberto, de local não identificado e na presença de militares.

A fotorreportagem pode ser entendida como um documento comprobatório para os leitores à época da revista, mas neste estudo, o documento foi analisado na base conceitual de Bourdieu que sinalizou que aquele momento foi uma forma de demonstração do poder simbólico da Cruz Vermelha, em São Paulo, a formação do habitus daquelas enfermeiras via capital escolar, ratificado na presença dos militares entendido como uma das formas de dominação masculina.

Mesmo diante da demonstração da competência das enfermeiras no serviço de socorro com visibilidade na imprensa ilustrada, os argumentos apresentados pela Cruz Vermelha deixam transparecer que não foram convincentes para as autoridades responsáveis. Por outro lado, em outros documentos na imprensa ilustrada identifiquei a presença de mulheres enfermeiras ou voluntárias no atendimento aos feridos de guerra em um Hospital de Paris.

Diante dos documentos oriundos da imprensa ilustrada, acredito na possibilidade da participação das enfermeiras brasileiras na Primeira Guerra Mundial, mas a (in)visibilidade documental até o momento em relatórios institucionais, por motivo de carência documental consultado a oficialização da presença de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira ainda é perigoso a afirmação dessas profissionais na Primeira Guerra Mundial.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, J.M.F. História da Fotorreportagem no Brasil. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier. 2004.
- BARREIRA, I. A Contribuições da História da Enfermagem para o desenvolvimento da profissão. *Revista da Escola Anna Nery*, v.3, n.1. p.125-141, 1999.
- BORDIEU, P.O *poder simbólico*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil. 2003.
- \_\_\_\_\_. *Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Betrand. Brasil. Rio de Janeiro.2003a.
- \_\_\_\_\_. *La distinción – Criterios y bases sociales del gusto*. México: Taurus. 1979.
- \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense. 2004.234.
- CAMARGO, M. *Gráfica: arte e industria no Brasil 180 anos de História*. São Paulo: Bandeirantes Gráficas. 2003.
- CHAGAS, C.O. *Brasil sem retoque (1908-1964): A História contada por jornais e jornalistas*. v.I. Rio de Janeiro e São Paulo: Record. 2001.
- CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. *Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908-1923)*. Rio de Janeiro: Órgão Central - Cruz Vermelha. 1923.
- FARIA, I.R. Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial 1914-1918. *Revista do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro. v.133, p.67-75, 1996.
- GARAMBONE, S. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad. 2003.
- MAUAD-ANDRADE, A.M.S. *Sob o signo da imagem. A produção fotográfica e o controle dos códigos de representação social da classe dominante do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX*. 1991, 464 p., v. I. Tese (Doutorado). Curso de História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- MOTT, M.L. e TSUNECHIRO, M.A. Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.55, n.5, p.592-599, 2002.
- MOTT, M.L. Revendo a história da enfermagem em São Paulo. *Revista Pagu*. n 13, p. 327-355, 1999.
- OLIVEIRA, S.T. *A vida e o tempo de Hachel Haddock Lobo como diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery*. 2002, 84p., Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro.
- PIETROFORTE, A.V. *Semiótica visual – os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.
- REVISTA FON-FON. Perfis internacionais: Uma enfermeira condecorada. *Revista Fon-Fon*, ano 10, n.14, p.6, 1916.
- \_\_\_\_\_. Perfis internacionais: Grãs-duquesas enfermeiras. *Revista Fon-Fon*, ano 10, n.30, p.13, 1916.
- REVISTA DA SEMANA. O Hospital da Cruz Vermelha Brasileira em Paris. *Revista A Semana*, ano 19, n.11, p.5, 1918.



PORTO, F.; SANTOS, T. C. F. **A divulgação da competência técnica em socorro das enfermeiras da cruz vermelha (SP) nas circunstâncias da Primeira Guerra Mundial (1917-1918).** *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 08, n. 02, p. 273 - 281, 2006. Disponível em [http://www.fen.ufg.br/revista/revista8\\_2/v8n2a12.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_2/v8n2a12.htm)

---

SANTOS, M.A et al. *História do Brasil – de terra ignota ao Brasil atual.* Rio de Janeiro: Logon e Multimídia, 2002.

*Artigo recebido em 29.06.2006*

*Aprovado para publicação em 31.08.2006*